



O Gaiato

16 DE JULHO DE 1966
ANO XXIII — N.º 583 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TRIPLO ANIVERSÁRIO

Dez anos se cumprem em 16 de Julho sobre o nascimento para o Céu de Pai Américo.

Quase equidistantes desta data, outras duas recordam-nos marcos na vida da sua Obra.

28 de Julho de 1929 — a sua ordenação sacerdotal.

3 de Julho de 1965 — a aprovação pela Igreja das «Normas de Vida» dos seus padres.



Pai Américo, há 14 anos, em Lourenço Marques, com a mão sobre os ombros de uma criança de Moçambique.

Cada uma destas datas é um «dies natalis» com o seu conteúdo próprio bem significativo.

O sacerdócio fecundou-lhe o coração, extraordinariamente rico de amor potencial, capaz de o levar às alturas a que o levou e em que nunca, até então, tinha voado.

A sua ordenação sacerdotal é o início de uma fertilidade aberta, universal, de que tantos já beneficiaram e hão-de beneficiar pelo tempo em fora.

A morte deu-lhe o prémio de 27 anos vividos em plena fidelidade à eleição que o Senhor fizera ao chamá-lo ao sacerdócio. E deu-nos a todos a certeza de que a sua acção, que ele próprio tantas vezes reclamou ser em nome do Senhor, o era realmente. E assim,

a continuidade desta acção depende somente da correspondência fiel dos seus discípulos. Que o único Mestre, o Senhor Jesus Cristo, Esse permanece até ao fim do mundo, «passando a fazer o bem»!

A morte é pois, um começo de purificação da fé na acção divina escondida na vida dos que continuam a acção de Pai Américo. Por isso a Igreja, nove anos depois, ligando o próprio texto de aprovação à data de 16 de Julho, perfilhou esta acção, abençoou este modo de viver — e os filhos de Pai Américo nasceram na Igreja com uma personalidade própria, aquela mesma que ele sempre desejou lhes fosse reconhecida, nova, sem alterar em nada a condição antiga que lhes definia o seu lugar na mesma Igreja.

Que bela, que profética esta visão de Pai Américo, desde o

Continua na terceira página

Dez anos. Nunca mais esquecerei a manhã de 16 de Julho de 56. Estava a pôr-me a pé quando o telefone chamou por mim. O coração bateu mais forte. Era o Avelino. Não foi capaz de falar. Pai Américo partira há momentos para o Céu.

Passei pelos dormitórios dos rapazes a dar a notícia e a convidá-los para nos reunirmos na Capela à volta do Altar. Foi o despertar mais triste da nossa vida. No Altar não consegui dialogar. A Missa foi em silêncio e lágrimas.

A viagem para o Porto foi mais longa e sem paisagens. Depois

TRIBUNA DE COIMBRA

foi o longo desfilar da multidão dolorosa. No dia seguinte o cortejo até Paço de Sousa foi esmagadora manifestação de gratidão ao Homem que no Sacerdócio se deu todo a Deus no serviço dos Irmãos.

Para os incrédulos tudo estava terminado. Para os prudentes deste mundo a Obra

morreria com o seu fundador. Para os homens sensatos e confiantes a Obra continuaria. Para Pai Américo a Obra começaria com a sua morte.

Dez anos. Pai Américo tinha razão. O Povo consciente e preocupado com o bem comum fez a Obra sua. Começou a amar mais. Começou a sentir mais. Começou a preocupar-se mais. Dão testemunho as nossas casas quer da Metrópole quer do Ultramar. Dão testemunho as nossas festas.

Bendito seja o Senhor Deus de Israel.

Padre Horácio

Aqui, LISBOA

Em resposta ao apelo lançado nestas colunas, em ordem à construção da nova Aldeia da Casa do Gaiato de Lisboa, tivemos a felicidade de sentir uma correspondência muito animadora, dada pela presença de Amigos da primeira hora, que nunca nos esquecem, aliada a palavras de incitamento, capazes só por si de nos impulsionarem a seguir firmemente a rota traçada, sem desvios de qualquer espécie, em ordem ao objectivo final.

Entre o correio recebido destacamos a carta que a seguir transcrevemos: «Ao Snr. F. —

Aí vai uma de cem para a iniciativa da Aldeia em Lisboa, pois eu também ando a preparar-me para construir uma moradia própria para os meus 6, e apesar dele ainda não chegar, e já que o Snr. não duvida eu também não. A Fé tem muita força. Não desanime que consegue o que quer. Eu é que recebo. Um assinante».

Comentários nossos, para quê? Documentos deste jaez são para meditar em silêncio e ficam sempre por esgotar. Deus não é indiferente a tais provas de Amor e «a morada própria para os (meus) 6» e o «alçamento do Tojal serão apenas expressões concretas, mais dia menos dia, dum Fé viva que acredita na Omnipotência Divina.

Regularmente daremos aqui contas do que nos vier chegando e de uma ou outra palavra mais susceptível de nos encorajar. Continua na segunda página

Atenção ao postal-aviso da nossa Editorial

Há muito já que trazíamos a ideia no peito. E, por mor das cartas de muitos leitores — incandescentes de Luz — a ideia amadureceu. Fomos empurrados!

Surgiu o postal-aviso, que já está em vossas mãos! De um lado informa os livros que ainda restam, na estante: «Pão dos Pobres» I, II e III volumes, mais o «Obra da Rua». Do outro, é o postal requisição, destacável pelo picotado,

Tudo muito prático, muito simples, — muito oportuno.

Eram muitos, realmente, os amigos que perguntavam quais as obras publicadas por Pai Américo. Um interesse que nos alegrava — e que nos empurrou! A ideia primitiva, no entanto, residia no desgosto de só pouco mais de 3.000 dos nossos leitores — entre quarenta e seis mil e tal, consoante a tiragem actual do Famoso — receberem, por assinatura, cada

uma das obras que editamos. Muito grande a desproporção! Era preciso lembrar. A vida, hoje, é tão cheia, tão cheia — vivemos na era do jacto! — que a única possibilidade viável de fazer chegar à mão de todos a lembrança, seria imprimir tantos postais quantos os assinantes do Famoso. A Tipografia imprimiu e a máquina de endereçar completou

Continua na segunda página

Facetas de uma Vida

Há muito tempo que este título não aparece n'«O Gaiato». Não que se tenha esgotado o material: algum ainda em mãos difíceis de velhos companheiros de Pai Américo; outro fornecido por ele próprio, através de cartas inéditas. O que tem faltado é o tempo para seleccionar e ordenar.

Um Amigo, muito ligado à fundação da Casa de Paço de Sousa, a quem in illo tempore também pedi lembranças de Pai Américo, mandou-me-las há meses. Neste jornal, que é número de aniversário, elas ficam bem. E nós teremos o gosto de as irmos saboreando ainda mais vezes.

Como conheci o Padre Américo

(Breve apontamento para a História da Casa do Gaiato do Porto)

Em 10 de Novembro de 1942, escrevia a minha primeira carta ao Padre Américo, que dizia assim:

«Exmo. e Rev.º Senhor: Uma organização oficial de que faço parte, necessita, para cumprir a sua missão, do auxílio de V. Ex.º.

Ficar-lhe-ia muito grato se tivesse a amabilidade de informar-me se se tenciona vir brevemente a esta cidade, ou onde mais facilmente poderíamos trocar impressões a respeito».

Eu não conhecia o Padre Américo, nunca o tinha visto, mas o seu nome corria de lés-a-lés todo o País. Ele era o Padre do Gaiato das Ruas; a sua actividade e o seu espírito cristão eram o exemplo e a esperança de melhores dias para os rapazes desprotegidos da nossa Terra.

O Padre Américo tinha começado pela Casa do Gaiato de Miranda do Corvo; depois fundara o Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios em Coimbra, e nós, os do Porto, admirávamos a sua Obra e pretendíamos a todo o custo instalá-la também na nossa cidade.

Era uma preocupação premente para a Direcção do Albergue Distrital de Mendicidade, de que eu fazia parte, o número crescente de crianças que vagueavam pelas ruas da cidade. Era uma dor de alma ver esses pequenitos, transidos de frio se no inverno, de roupas esfarrapadas, pés nus, olhitas muito abertas, alentando a vaga esperança de serem favorecidos por uma dádiva dos transeuntes apressados, que tanto podia ser uma pequena moeda, um pão, ou mesmo alguns bolos, se a triste cena se passava junto de uma confeitaria.

Porém, quaisquer dessas dádivas não resolvia o problema. Dalí a minutos continuavam as crianças friorentas e famintas — e o peditário prosseguia. A Direcção do Albergue não deixava de reconhecer a dedicação com

que o serviam alguns guardas da Polícia de Segurança Pública para ali destacados, mas não era essa a solução prática nem educativa, e só se antevia para os Gaiatos das Ruas do Porto, como meio satisfatório, a protecção do Padre Américo.

Na própria carta que lhe dirigi e que conservo religiosamente, com a intenção de a entregar à Obra, pois a ela deve pertencer como a primeira pedra para a Casa do Gaiato do Porto, escreveu o Padre Américo, a título de despacho, muito à sua maneira e em caligrafia inconfundível:

«Devo estar no Gabinete do Governador Civil do Porto, na próxima 3.ª-feira às 3 horas da tarde. Tomo o rápido das 6, em S. Bento, nesse mesmo dia talvez! Pode mto. bem acontecer que tenha de ficar. Sou mais certo onde digo: G. Civil. Note que eu presto para mto. pouco e tenho mto. pouco tempo de meu. P.de Américo».

Por feliz coincidência, nesse mesmo dia teria de deslocar-me

à capital, e o encontro, no comboio da tarde, logo ficou aprazado. Cheguei mais cedo do que o costume à Estação de S. Bento. Recordo-me que estava possuído de uma grande ansiedade: a de conhecer pessoalmente o Padre Américo.

A meio da gare, junto a uma coluna, lá estava ele. Homem de forte complexão, a quem o uso dos hábitos talares mais fazia avultar, com aquele ar de satisfação e tranquilidade de quem possui uma paz interior e uma certeza confiante. Dependurado no braço esquerdo, um pesado guarda-chuva, cabeça descoberta, faces rosadas, por detrás de umas lentes grossas uns olhos vivos e penetrantes, que, dir-se-ia, iluminavam a sua própria figura.

Enquanto me aproximava, o Padre Américo, por seu lado, avançava para mim e sorria. Cumprimentá-nos quase afectuosamente, como velhos amigos que passámos a ser desde aquele momento.

O Padre Américo dirigia-se a Coimbra. Até lá, falámos muito, e eu fiquei conhecedor dos seus projectos, esclarecido e confiante, pois o Padre Américo expunha com convicção e tudo para ele era fácil e natural. «Nós podemos começar uma obra colossal por uma coisa pequenina! Vale a pena estudar o caso. Eu vejo tudo numa luz tão diferente e a essa luz é tudo fácil e tão doce!». Por mim nada prometi por palavras, mas desde logo, num curto olhar que trocámos, fiquei preso e comprometido, a acompanhar os projectos que o animavam. Chegara o comboio a Coimbra. Junto da porta da carruagem aonde o tinha acompanhado, despedimo-nos. Senti então que o seu trato afável era diferente e me tinha conquistado completamente para a sua Obra. A chama interior que possuía era tão intensa que rapidamente contagiava os circunstantes. Ele acreditava e fazia acreditar.

Auto-Construção

Por ano quantos casamentos se realizam e quantas casas se fazem? Nós não sabemos. Digam-no os que lidam com números. Sabemos, sim, que há uma desproporção enorme que tem de diminuir, sob pena de se caminhar para uma solução que ninguém quer. Estes problemas delicadíssimos não podem estar apenas à mercê dum decreto, dum portaria ou dum diploma, mas sim da educação dos nossos jovens. A grande maioria dos nossos rapazes e das nossas raparigas, durante o mês, não economizam um tostão. Alguns, a

maior parte até, concordamos que não ganhem muito. Mas poderão, amanhã, ganhar muitíssimo mais e, não obstante viverem uma vida inteira e morrerem sem arranjar uma casa. Antigamente não era bem assim. Ter casa própria constituía para qualquer família uma certa obrigação. Era uma vergonha o contrário; a opinião pública não tolerava. Hoje há milionários que vivem em casas arrendadas. É uma nova maneira de ser e de viver. As dificuldades burocráticas de um lado e o menor esforço, o conformismo do outro dão os resultados que estão bem à vista. Proenremos dados concretos para a pergunta feita acima; juntemos-lhe ainda uns tantos que não se casam mas se juntam, à margem de qualquer lei, e veremos a verdadeira situação. Depois de obtermos dados bem concretos, convém não ocultar. Que toda a gente saiba quantas famílias, em cada ano, ficam a viver sem aquele míni-

Atenção ao postal-aviso da nossa Editorial

Continuação da primeira página

o resto. Laurindo (ex-«Caixa d'Óculos») foi o timoneiro do serviço extraordinário — que movimentou meio mundo. E seguiram pró correio cerca de trinta mil postais!!

As respostas começaram a chegar, graças a Deus. Diariamente, é um monte delas. E tantas são que Laurindo insistiu, logo de princípio, para o carteiro deixar no escritório o respectivo maço de respostas! Não é tanto para adiantar serviço... — eu sei. É o gosto que sentimos por matar a fome de muita gente — quantos ainda desconheciam os livros de Pai Américo!

A média de volumes requisitados tem-se cifrado em cerca de 100 por dia. Muito boa! E Laurindo, sozinho, não dá conta. Manuel Pinto, como tesoureiro, também raras vezes pode deitar a mão. De maneira que seguiu agora mesmo pelo «Va-

rela» um requerimento para nos dispensarem um estudante em férias. Não sei quem será o dito. Talvez o «Stiek»? Iremos jogar hoquei, a despaçar livros?!...

Chegou o ajudante do Laurindo. É o «Cebolinha». Um amor de criança! Vem risonho. Bem disposto. É o «Cebolinha»! Ora por mor da sua boa disposição, os senhores — e as senhoras, também — não guardem na gaveta, nem em suas carteiras, tão pouco botem pró cesto dos papéis velhos o postal-aviso que daqui saíu com muito entusiasmo. Leiam-no com atenção. Risquem os livros que já possuam. Escrevam vossos nomes e endereços em letra bem legível — de acordo com os da outra metade do postal. Colem no dito um selito de \$50. O correio trará vossas notícias. E Laurindo, mais «Cebolinha» farão o resto. Entendido?

Júlio Mendes

Aqui, LISBOA

Continuação da primeira página

jar a todos, obreiros de fora e de dentro, nesta jornada de persistência onde os desânimos não podem ter lugar. Deus está connosco e Pai Américo, dez anos depois do seu desaparecimento, está mais vivo do que nunca.

.....

Os últimos Rapazes entrados, três irmãos dos arredores de Lisboa, com menos de 10 anos, mais um amor de criança de 4, do norte do País, têm sido para nós motivo de profunda reflexão. O quadro das suas vidas é angustiante: os pais cumprem pena maior nas prisões enquanto as mães repousam eternamente, por actos treloucados dos primeiros. Como reagirão estes inocentes ao tomarem consciência do que se desenrolou à sua volta? Como poderá a Casa do Gaiato preencher as lacunas abertas pelo desaparecimento da família natural? E quem nos diz que, amanhã, 5 ou 10 anos passados, não aparecerão «salvadores» a reclamar direitos que não têm mas que a lei — dura lex, sed lex — consente? Eis alguns motivos de preocupação que são outras tantas razões para nos debruçarmos sobre estas filhas com toda a força de ânimo, apesar de, ao nosso lado, vemos tanta apatia e indiferença. É por amor destes inocentes que já temos ouvido «não» quando bate-mos à porta de quem tem responsabilidades e teres. Será ainda por amor deles que continuaremos a calcurrear ruas e vielas, subindo e descendo escadas, ouvindo palavras mais ou menos deliradas mas inoperantes, esperando horas e horas em salões. Louvado seja Deus que tal per-mite

.....

Um pedido estranho mas importante: precisamos de um cão de guarda, de raça grande, mas jovem ainda, para ir crescendo entre os Rapazes. Se não for muito longe, iremos buscá-lo. Obrigada.

Padre Luiz



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Visado pela
Comissão de Censura

Triplo Aniversário

Continuação da primeira pág.

princípio desejada como fórmula da estruturação canónica dos «padres da rua»! Dela disse um Bispo: «ser para o nosso mundo um testemunho directo de Igreja». E outro: «ser a primeira realização que conheço da colegialidade, estudada e definida no Concílio Vaticano II».

«Pode dizer-se que o Padre Américo tinha o carisma da evangelização dos Pobres» — afirma o texto episcopal da aprovação das nossas «Normas de Vida».

O sulco que Pai Américo deixou, numa caminhada que foi um somar de créditos entre os homens de ideias e tendências as mais diversas — não era acertado ignorá-lo. Os Pobres são pertença que a Igreja não engeita. Ela é a Igreja dos Pobres! Pois a «Obra da Rua» é um acto da Sua solicitude. Assim, padres de cinco dioceses trabalham em outras cinco, das quais só três coincidem com dioceses suas de origem.

«Por eles a Igreja quer estar presente no mundo dos

nossos irmãos mais caídos e mais abandonados, nomeadamente a criança sem família ou em perigo moral e o doente incurável» — acrescenta o documento de aprovação; que, em seguida, define: «Os sacerdotes que, com permissão dos respectivos Prelados e seguindo o chamamento especial de Deus, se encontram ao serviço da Obra da Rua constituem uma Família, ligada entre si pelos laços da caridade fraterna e pelo objectivo comum que constituiu a vocação específica do Fundador».

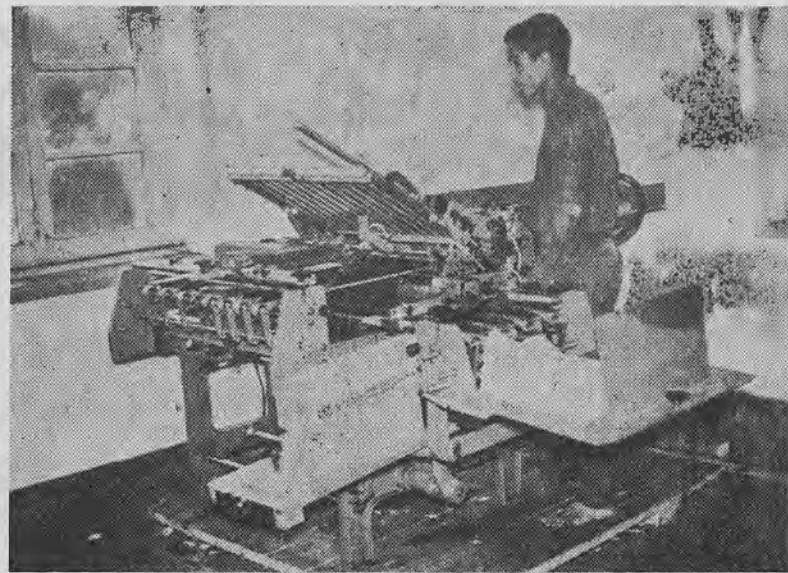
É o reconhecimento oficial desta Família e a entrega que a Igreja lhe faz de uma missão, uma força preciosa que nos encorajará nos dias mais difíceis, que garantirá a nossa estabilidade quando formos mais estremecidos pela contradição.

Passados 25 anos — tempo de gestação e de prova — a Igreja, sem pressas, como é próprio de Quem trata da Vida Eterna confirmou-nos. É, na verdade, um novo nascimento, decerto aquele que Pai Américo anunciou para

depois da sua morte: «A Obra começa quando eu morrer».

Por isso fixamos em 16 de Julho este segundo natal da «Obra da Rua» e queremos-lo tão religiosamente guardado como a Festa do Santíssimo Nome de Jesus.

E a Ele, o único Mestre e Senhor, agradecemos as oportunidades que nos tem dado para renascer; e pedimos-Lhe que nos vá permitindo encontrar outros motivos de renascimento, para que os anos passem e a Obra fique sempre tão proporcionada ao seu tempo como o foi no tempo do Fundador.



O MATATEU E A MAQUINA DE DOBRAR EM ACÇÃO

Cantinho dos que ficam

O Senhor foi simples em tudo quanto fez. Ao investir Pedro no supremo pastoreio da Sua grei, usa um rito tão sóbrio de palavras quão essencial ao seu significado:

«— Pedro, tu amas-Me?

— ...

— Apascenta a Minhas ovelhas».

E se repete duas vezes a pergunta, é para insinuar a Pedro — e a todos os que sob a sua autoridade hão-de parti-

cipar da missão de guia do rebanho — que amá-lo, exigem tantas afirmações voluntárias, quantas vezes, ao longo da vida, a nossa fraqueza de homem O negou.

Amá-lo, porém, é a condição necessária a todo o pastor.

Amá-lo... — E aqui Jesus, uma vez mais identifica o amor a Si com o amor às Suas ovelhas.

O pastor vai com elas, condu-las ao lugar da pastagem. Escolhe-o e procura-o, não porque lhe seja o lugar mais agradável, mas o melhor para as ovelhas. O bom pastor vai em busca da ovelha que se perde. Trá-la, contada. Conhece-as pelo nome. E se vem o lobo, faz-lhe frente, arrisca-se na defesa das suas ovelhas. Sim, das suas. Porque, se as recebeu em nome de Cristo, ele tem-nas como suas; não é mercenário.

O bom pastor ama as suas ovelhas. Ama-as em nome do verdadeiro Pastor de quem elas são. Ama-as porque Ele as ama. Ama-as, porque O ama a Ele.

Na identificação fecha-se um círculo virtuoso: Por amor de Cristo se ama as ovelhas que Ele nos confiou. E o amor delas estimula-nos a amá-lo a Ele, mais e melhor.

Sem O amarmos, sincera, verdadeiramente, o nosso amor pelas ovelhas fica sujeito à inconstância que é própria ao coração humano. Sem exercitarmos o nosso amor dirigido às ovelhas, também o amor a Ele resulta desincarnado, estéril... Para que quer Ele o nosso amor, se este Lhe não levar o amor das ovelhas que nos confiou?

Quantas interrogações, quão misterioso se nos não apresenta o caminho a seguir, a nós que temos missão de pasto-

rear! Vós tendes consciência disso — e ela é um despertar de dores. Ainda bem! O sentirnos dor diz que estamos vivos. E não se vive habitualmente anestesiado!

Ora perante os problemas que a formação de um homem, desde criança, levanta a quem tem de o guiar, no respeito perene à sua liberdade (Mesmo quando as aparências para ele não nos apresentam como libertadores!) — é válida e pertinente a pergunta que Jesus fez a Pedro:

— Amas-Me?

Que saberia Pedro, então, de tudo o que o esperava na sequência do seu sim?! Nem podemos dizer que ele tenha compreendido o sentido das palavras que o Senhor lhe dirigiu e que S. João (21/19) nos revela «indicarem a morte com que Pedro havia de glorificar a Deus»: o martírio. «Jesus acrescenta-lhe: — Segue-Me». E Pedro seguiu-O. Seguiu-O porque O amava. E tanto O amava que O seguiu até à morte.

— Nós amaremos a Jesus, e por Ele, os nossos Rapazes, com aquele amor sincero, incarnado, fértil, que deve todo o que participa da condição de pastor?

Ei, uma pergunta que teremos de repetir muitas vezes (Três... Trinta vezes três...) — sempre que, em cada encruzilhada a que a formação de um homem, desde criança, nos conduz, mergulhados em mistério, nós não soubermos mais o que fazer, nem por onde seguir.

Então, se a nossa resposta puder ser como a de Pedro (embora tristes, como ele): «Senhor, Tu sabes tudo: bem sabes que Te amo» — então, iremos aprendendo que o amor é tudo o que nos é pedido. O resto ser-nos-á dado por acréscimo.



A Beira Alta é região de muitas trovoadas. Por isso a história de Belém está semeada delas.

As quatro primeiras Belenitas nunca mais esqueceram esta. Elas tinham ficado em casa, na companhia dum rapariga a dias, enquanto eu fui à cidade. Entretanto, começou a ouvir-se o rimbomb do trovão e as nuvens foram-se acastelando. Dentro em pouco, despejavam sobre a terra fortes bategas. Elas foram encolher-se, a um canto. Mas a água avançou rapidamente da mata para a casa, transpôs as portas da casa, invadiu corredores e lá as foi surpreender, no seu esconderijo... Enquanto a rapariga se esforçava por sustentar o seu avanço, elas muito gritaram e chamaram pela Mãe, coitaditas!

Depois da Páscoa desse mesmo ano, tendo eu também saído, deixei o grupo das já nove Belenitas entregue à mesma, que ficou a fazer o jantar. E recomendei-lhes que comessem logo que fossem horas, pois eu teria que me demorar.

Porém, rapidamente se armou sobre a cidade uma forte trovoadas. Lembra da que acontecera da primeira vez e do medo que elas tinham, tratei de regressar a casa, por entre relâmpagos e

trovões. Lá cheguei molhada até aos ossos. Encontrei todas as portas fechadas e a todas bati, cada vez com mais força e mais impaciente. Mas ninguém dava sinal de vida. Acabei por meter ombros à mais fraca. Entrei, chamei, percorri todos os compartimentos e recantos, mas delas, nem rasto... Era um silêncio de morte! Que susto, meu Deus! (Que de pensamentos tenebrosos não perpassaram na minha mente, mais rápidos do que os raios que cortavam o céu de chumbo...

Acabei por correr a casa dos vizinhos e lá descobri que acontecera apenas isto: a rapariga, sem autorização e por um tempo daqueles, fora-se com elas para a cidade, à devoção do Mês de Maria...

Depois que mudámos para esta quinta, têm sido bastantes os contratempos e avarias causados pelas trovoadas, sobretudo nas instalações eléctricas e telefónicas. Porém, nunca com prejuízos comparáveis aos desta última, em 1 de Junho passado.

Em menos de meia hora, a chuva torrencial entrou pelas terras cultivadas e foi arrasando tudo. As águas juntaram-se no último soalco e derrubaram sobre a propriedade do vizinho

mais outro pedaço do velho muro de suporte de terras.

No alto da mata juntaram-se em torrente e entraram de roldão pela boca do poço, submergindo um dos motores de rega.

Uma tempestade de granizo torturou as plantas tenras, picou as folhas e frutos das árvores, espalhou as videiras e destruiu os pequenos cachos; desfiou milheirais, esmagou e estendeu pela terra as batateiras.

Passada a tempestade, fui dar umas voltas e confesso que, perante tal calamidade, me acometeu uma forte dor de cabeça.

Como a quinta estava bonita, mas com quanto esforço e despesa!

Depois da trovoadas, que desolação!

Lá anda muito próxima dos 10 contos a despesa feita este ano com o levantamento de muros deitados abaixo pela invernía. Ainda esta dívida está por acabar de saldar e aí temos mais outro pedaço do muro derrubado.

Resta-nos fazer um acto perfeito de esperança na Onnipotência Divina e na generosidade derramada pelo mesmo Deus no coração do Homem.

Inês — Belém — Visen



PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

● Aqui há dias o «Aranha» entregou-me um pequeno sobrecrito para que o anunciasse no «Gaiato». Na altura não liguei grande importância, pelo facto de se tratar de mais um pedido e deles tem vindo «O Gaiato» cheio.

Recordo-me que os sacrificados são sempre os mesmos e a demasia satura. «O Gaiato» é lido por milhares de pessoas, porém, nem a todas penetra a chama que nele vai incendiada, e aqueles que ela queima, explodem e a vitória é dupla. Por conseguinte, vou fazer a vontade ao «Aranha», na esperança de que ele será atendido, atrevo-me a escrever o seu pedido: «Um acórdão!» Salvo erro já em tempos aqui foi lembrado o mesmo instrumento. Nessa altura era o «Tira-Olhos» hoje a prestar serviço na Província de Cabo Verde, quem

Estava um rico luar, mas como isso não fosse o suficiente, o Matos — o nosso electricista — tratou de improvisar uma instalação eléctrica para a apreciada piscina. Banhos de lua, não se tomam todos os dias, porém, desta vez até os mais preguiçosos se lançaram para a água, e que boa ela estava!

João da Rocha

MIRANDA DO CORVO

● Chegou o Verão. O calor é intenso e a nós, só nos apetece a piscina.

● Agricultura: Já começámos a apanhar batatas na vinha.



Sem lenha o fogão não arde. E sem lume não há sopa. Daí, chamiça no carro...

gritava por ele, em troca de uma velha concertina que o «Aranha» ainda dedilha por vezes.

Parece mal dizer que uma Casa como a nossa que tem uma série de espectáculos por ano a representar, não tenha um conjunto musical. Todavia trabalha-se para isso e creio que se os instrumentos não faltarem, que é o caso, em breve haverá conjunto. Não se admirem se por acaso sair daqui um conjunto yé - yé. Temos bateria e cremos que o resto lá virá com seu tempo. Entretanto vamos continuando com o estudo do solfejo para assim se ouvir música e não bater de latas como se ouve por vezes.

● «Os Eternos Amigos do P.e Américo», cá estiveram mais uma vez com a sua excursão anual. Fizeram a habitual homenagem ao nosso Pai Américo no ambiente da nossa Capela, onde assistiram à Santa Missa. Após esta e breve visita à Aldeia partiram com a bênção do seu Padroeiro.

● Chegou o calor. A malta entra em férias. Começaram os turnos de 30 rapazes para Azurara, onde temos a nossa colónia. O calor não se suporta e todos correm para as praias. Como não a temos perto, vamos tomar banho para uns belos tanques dentro da nossa quinta. Aqui há dias o calor era de tal forma, que a malta se viu forçada a tomar um banho nos respectivos tanques, mas este com uma certa particularidade, pois foi entre as 10 e 11 horas da noite.

Eram boas e graúdas. Esperamos que nas outras terras nos saiam batatas tão boas ou melhores.

O milho está em boas condições e o feijão também se quer mostrar bom.

Andamos agora a atacar com as regas, afim de que não nos seque o milho e as batatas.

● Fruta: Não teremos tanta como no ano passado mas contamos ter bastante. As videiras também nos mostram a sua realzeza.

● Exames: O Capuchinho e o Pastor fizeram já o exame da 4.ª classe, de adultos. Estão no entanto o Lita, o Zé Manel, o Simões, o Armando, o Ramos, o Policia, o Zai e o Cruz que ainda não fizeram. Oxalá eles possam merecer as vossas prendas.

Os da primeira, segunda e terceira já fizeram, e os melhores foram: na primeira classe o Gafanoto, na segunda o Albino e na terceira o Osse.

Em Coimbra, tanto no Liceu como na Escola, os nossos rapazes encontram-se aflitos em maré fria.

No Seminário, o Lisboeta fez má figura, pois desperdiçou o ano. Eu e o Zé portámo-nos bem.

Henrique Carvalho

BENGUELA

Amigos leitores, muito bom dia, ou boa tarde, conforme a hora a que este jornal der entrada nas vossas mãos. Mais uma vez está presente neste jornal a crónica de Benguela, pronta a dar notícias a todos os leitores do que vai cá na nossa casa.

● Festas — Caríssimos, está a chegar o momento de muita alegria, de muita união e vá lá, está a chegar o momento que transmite uma oportunidade de muitos Senhores começarem a conhecer o que é a «Obra da Rua». Sim. Ela mostra sempre o que é na realidade. Ela está presente em tudo, desde a apanha dos pequenos da rua, como no trabalho, como nos problemas materiais, etc. Enfim, ela tem qualquer coisa de algo que a obriga a estar presente em tudo.

Amigos, tudo isto vem a respeito das nossas Festas que estão a chegar. Não há dúvida que em todos os gaiatos de Benguela, Lobito, Catumbela e outras terras, existe uma esperança de uma grande enchente em todos os cinemas onde actuamos, a começar na nossa cidade mãe. E se tudo correr bem iremos terminar no Luso.

Todos os dias que passam e que continuam a passar, são dias de muita atrapalhação, mas mais tarde esta mesma atrapalhação será recompensada com a alegria de conquistarmos mais amigos.

Portanto não se esqueçam, meus Senhores, a publicidade da nossa Festa começa já aqui nesta minha crónica.

Será já no próximo dia 10 de Agosto que os Gaiatos de Benguela estarão com certeza no Cine Teatro Monumental em Benguela. No dia 17 estaremos no Cine Império mas no Lobito. Ambas as Festas serão às 21 h. se possível.

Preparem-se para a confusão dos bilhetes. Não deixem para amanhã o que podem fazer hoje. Não se esqueçam deste lindo ditado quando começarem a ver os primeiros sinais de publicidade.



O Paulo Alexandre, filho do Américo, de Benguela, é um amor de criança.

● Obras — Enquanto era só pôr tijolo elas estavam-se sempre a ver ir para a frente mas... A Casa Mãe chegou ao seu limite, em altura já se vê. Talvez alguns Senhores julguem que a nossa Casa Mãe parou. Não, isso é um erro. Ela não parou, está sempre a andar para a frente, embora não esteja à vista dos nossos olhos aquilo

em que ela cresce. Senhor, mais uma vez estamos aqui para pedir. Lembramos a Companhia de Cimentos, a Fábrica de mosaicos «Fama», etc.. Precisamos muito da vossa ajuda para os interiores das nossas obras.

Vamos a uma campanha está bem? Desde já agradeço toda a atenção. Adeus.

António Augusto

A Serralharia por enquanto está trabalhando para as nossas escolas, mas ainda há tempo para fazer os orçamentos.

A Tipografia continua a ser procurada pelos clientes mas ainda não estamos contentes.

A Carpintaria, está presente por enquanto nas escolas novas, mas podem mandar as encomendas, porque isto é mais rápido do que os processos da gazcidia.

● Sêlos — Continuamos a receber as tuas encomendas, mas agora, não dou uma lista, porque não tenho os envelopes nem as respectivas encomendas. Para a próxima irá a relação.

● Futebol — Temos feito vários desafios, temos ganho quase todos e empatamos alguns contra os categorizados da Stag. Tínhamos um contrato com a Casa de Setúbal, mas por motivos imprevistos não se poderá realizar.

Bola, equipes novas, temos nós e o resto onde o vamos buscar?

Não sabes do que se trata? Pois claro que sabes, são as botas.

Portanto se nos puderes auxiliar ficaremos gratos.

Despeço-me até à próxima se Deus quiser.

Márinho

TOJAL

Antigo leitor, vou começar por te dizer, que já começaram as nossas desejadas férias na Ericeira. Se nos quiseres visitar, a casa está ao teu dispor.

Esperemos que os quinze dias para descanso do espírito e do corpo, sejam bem aproveitados. E que no fim possamos dizer: — Valeu a pena!

● Oficinas: Continuamos à espera das vossas encomendas.

Setúbal

Foi hoje ao almoço.

O Rosélio, meu servente trouxe fruta. Dois bonitos e saborosos pêssegos da nossa quinta.

Os rapazes saíram e eu fiquei. No refeitório só o Joaquim Manuel e o Boas. Aquele por vir atrasado do trabalho do campo, este por ser servido em último lugar.

Eu peguei num pêssego, vermelho, carnudo, delicioso e comi-o. O outro ofereci-o ao Joaquim Manuel: — Toma.

— Não quero.

— Porquê?

— Fiquei intrigado e olhei-o para saber se era orgulho, se delicadeza. Insisti:

— Não te apetece?

— Apetece, apetece.

— Então toma.

Fiquei passado pela delicadeza do Joaquim Manuel.

«Apetecer, apetece». Eles passam os dias juntos de árvores carregadas de saborosos frutos e em horas de calor e não lhes tocam. E apetece-lhes-á tanto!

O Joaquim Manuel aceitou. Mas não ficou por aqui a delícia daquele momento. Ele partiu o pêssego ao meio e levou metade ao Boas.

Eu fiquei a olhar prós dois e para mim. Eles contentíssimos, um porque dera o que lhe apetece, outro porque recebera. Eu confundido e envergonhado de mim, mas muito feliz deles! O Joaquim Manuel passou este ano para o 4.º ano de serralheiro. Dispensou de exame. Viera almoçar todo enlameado do trabalho do campo. Disse-me que as mãos só se lavavam com limão e lexívia.

Padre Aclio

